

AS MUITAS FACES DA VIOLÊNCIA ESCOLAR

Prof. Me. Glaciene Januario Hottis Lyra¹

RESUMO

Pôr sofrer os reflexos do convívio familiar, e assumir responsabilidades que não é sua a escola nas suas duas últimas décadas tem se transformado em campo de batalha, onde forças antagônicas tentam impor suas vontades. Quando a violência passa a fazer parte da rotina escolar, é necessário que a família, professores, gestores, alunos e as secretarias tornem-se parceiras e tentem encontrar possíveis soluções para essa problemática que só vem aumentando. Por isso é necessário que a escola consiga desenvolver ações que envolvam toda a comunidade escolar e extra escolar despertando nela a preocupação pela sua manutenção consciente sobre o real papel da escola na formação do cidadão. Que mais estudos sejam realizados no sentido de conhecer e combater as fontes de violência escolar é essencial e urgente para que o professor possa realizar aquilo para que foi chamado, ensinar.

Palavras- chave: Violência. Violência Escolar. Família. Docentes. Discentes.

¹ Pedagoga. Psicanalista. Psicopedagoga Clínica, Hospitalar e Institucional, Especialista em Neurociências, Mestra em Teologia – PPG-EST-UFRGS. Professora da UEMG Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade de Carangola. Coordenadora de Extensão- NUPEX. UEMG. Escritora. Mãe. Mulher. Amiga.

Atualmente tem se discutido muito o conceito de violência escolar, muitos divergem quanto ao conceito ou classificação, porém concordam, quanto aos seus efeitos na vida das vítimas.

Ao contrário do que muitas pessoas pensam esse termo não se refere somente a agressão física, mas, engloba outros tipos de violência.

As constantes mudanças ocorridas na sociedade pós-moderna tem influenciado no aumento significativo da violência, a inversão de valores morais tem sido um fator relevante entre outros.

A violência tem assumido dimensões diferenciadas de acordo com o seu contexto, muitos autores e estudiosos o que define como sendo um fenômeno complexo e que é o resultado de múltiplas determinações.

Para Baron (1977) a violência pode ser definida como qualquer ato ou ação de um indivíduo ou grupo, cujo fim é ferir ou ofender um indivíduo empenhado em evitar tal tratamento.

Colombier (1989) no livro “violência na escola” retrata a opinião da pedagogia institucional, trata-se da tentativa de entender o fenômeno da violência nas escolas conta as instalações contra os professores e dos alunos uns contra os outros, analisa os fundamentos socioeconômicos e familiares da violência numa tentativa de apontar possíveis soluções para o problema.

De acordo com essa definição pode-se caracterizar um ato como violento quando atende de acordo com Ferreira e Schramm (2000) às seguintes condições: causar danos a terceiros, usar força física ou psíquica, ser intencional e ir contra a vontade de quem é atingido.

Isto tem acontecido em todos os setores da sociedade e a escola não está isenta de sua atuação.

O que antes era tratado como algo distante da realidade da comunidade escolar hoje se tornou rotineiro e para muitos normal, mas o que vem a ser violência escolar?

O conceito varia de acordo com os autores.

Segundo Sposito (2001) a violência escolar expressa aspectos, epidêmicos de processos de natureza mais ampla, ainda insuficientemente conhecido e que requerem investigação.

Para ela é necessário uma investigação profunda dos aspectos externos e internos envolvidos nesse processo, e por isso não é fácil defini-la, uma vez que ela é o resultado das influências epidêmicas e de natureza mais abrangentes do que se percebe.

De acordo com Pereira e William (2010) o mais relevante do que conceituar esse fenômeno, é conhecer e delinear a multiplicidade de aspectos que se incorporam ao conceito.

Sendo assim o mais importante não é classificar em violência simbólica, física, psicológica, sexual ou verbal, para eles o mais relevante é reconhecer todos os envolvidos no processo e tentar concilia-los.

Durante alguns anos, esse problema passou despercebido pela sociedade brasileira, somente na década de 1970 é que alguns pesquisadores e pedagogos brasileiros intrigados com o crescimento da violência e crimes resolveram investigar esse problema, já em 1980 o foco foram às ações contra o patrimônio e em 1990 os estudos concentraram-se nas agressões interpessoais mais especificamente entre os educandos (ABRAMOVAY, 2003).

Pode-se perceber que o problema da violência tem aumentado de forma significativa e isso tem preocupado as autoridades competentes e a sociedade de modo geral principalmente quando esta atinge o ambiente escolar.

Por saber que a escola faz parte da sociedade, e que ela não está isolada, pode-se afirmar que ela certamente influenciará e será influenciada por fatores internos e principalmente pelos externos, e tudo isso repercutirá no comportamento e no relacionamento daqueles que fazem parte da comunidade escolar.

Com o intuito de investigar o crescimento desse fenômeno é que várias pesquisas vêm sendo realizada no Brasil, ela têm por objetivo o mapeamento das áreas com maior índice de violência escolar, bem como suas causas e consequências no cotidiano dos docentes, corpo administrativo e técnico da instituição.

Por não considerar como violência escolar muitas vezes atos e atitudes agressivas são cometidos por alunos e professores e passam despercebidos sem serem punidos.

As pesquisas realizadas no sentido de identificar os reais fatores que influenciam no aumento da violência ainda são poucas e segundo Sposito (1998) são amplos demais, já que este varia de acordo com quem fala (alunos, professores e diretores).

Basicamente todos os estudos já realizados sobre o tema relatam de forma bastante clara que é impossível analisar o fenômeno, levando em consideração somente os fatores internos, uma vez que a escola está inserida em uma sociedade onde a insegurança, a criminalidade, a violência econômica e social crescem e alcançam dimensões que fogem do controle das autoridades. (SHILLING, 2004).

De acordo com Sposito (2001, p.96): “[...] a violência observada na escola retraduz parte do ambiente externo em que as unidades operam particularmente em localidades dominadas pelo crime organizado”.

Mesmo em cidades pequenas esta observação é bastante pertinente já que existem bairros que são controlados por gangues e tudo isso reflete na escola no convívio dos integrantes desta comunidade, transformando de forma negativa as relações interpessoais.

Para Bernard Charlot, professor de Ciências da Educação, a violência escolar pode ser classificada em três níveis: Violência que inclui golpes, ferimentos, roubos, crimes, vandalismo e sexual; incivildades (humilhações, palavras grosseiras e falta de respeito) e violência simbólica ou institucional entre outros podem compreender como desprazer no ensino por parte dos alunos e negação da identidade e da satisfação profissional por parte dos profissionais (ABRAMOVAY, 2003)

Não basta saber classificar esse fenômeno em níveis, é preciso analisá-lo, e para que isso seja possível, é necessário levar em consideração tudo que possa contribuir para sua manutenção.

A Pesquisa Nacional, Violência, AIDS e Drogas nas Escolas realizada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a ciência e a Cultura (UNESCO) em 2001 em treze capitais brasileira mais o Distrito Federal.

Segundo ela a violência escolar sempre resulta da interseção de três conjuntos de variáveis independentes: o institucional (escola e família) o social (sexo, cor, emprego, origem socioespacial, religião escolaridade dos pais, status socioeconômico) e o comportamental, (informação, sociabilidade, atitude e opiniões (ABRAMOVAY, 2003).

Esta pesquisa levou em conta o conhecimento do significado de violência para os distintos atores, deste modo foi necessário fazer algumas reformulações na sua classificação ficando da seguinte forma de acordo com a UNESCO.

Violência contra a pessoa - aquela que pode ser expressa de forma física e verbal e pode tomar a forma de ameaças, brigas, bullying, violência sexual, discriminações, coerções mediante o uso de armas. Já os furtos, roubos e os assaltos estão classificados em violência contra a propriedade e por último a violência contra o patrimônio que são os vandalismos e as depredações das instalações escolares.

Segundo a UNESCO essa primeira modalidade consiste em ameaças contra a pessoa, que são promessas explícitas de provocar danos ou de violar a integridade física ou moral, a liberdade ou os bens de outras pessoas de acordo com a pesquisa os estudantes que mais sofrem com esse problema é os das capitais São Paulo (40%) e Distrito Federal (21%) ainda segundo ela esse percentual é bem maior quando se refere aos membros do corpo técnico-pedagógico.

Quando questionados sobre os fatores que levam a essas ameaças os motivos são diversos, mas, frequente são por causa de notas, folhas disciplinares nas salas de aula, os diretores por sua vez sofrem ameaças, quando geralmente recorrem a punições mais severas, como suspensões e expulsões, os agentes e inspetores de disciplina são ameaçados quando aplicam advertência e sanções por faltas disciplinares e impontualidades. (ABRAMOVAY, 2003)

Ao contrário do que muitos acreditam tudo isto acontece também em escolas privadas, nestas, geralmente os docentes recebem ameaças dos alunos com relação à demissão, pois muitos deles utilizam da influência de suas famílias, desta forma os mestres sentem-se acuados.

Caso o aluno sinta-se injustiçado de alguma forma, seja por causa de notas, punição por algum ato, ou qualquer motivo que considere válido, estes reagem de forma agressiva chegando até mesmo a ameaçar ou agredir física ou verbalmente os professores.

Para a autora a violência física provocará conseqüentemente um clima de tensão apreensão e medo nos professores, diretores e outros membros do corpo pedagógico todo o conjunto acaba sobrecarregando o ambiente escolar, causando nos docentes perdas da satisfação profissional e nos educandos desprazer pelo ensino.

Também são frequentes nas escolas as brigas, elas acontecem por diversos motivos que vão desde as brigas por futebol, notas, acertos de contas, discriminação por causa da idade ou local onde mora, turnos opostos, demarcação de território, rivalidades ou por até um simples esbarrão, tudo passa a ter uma relevância.

Desta forma a violência física passa a ser utilizada como mecanismo de resolução de conflito entre os educandos.

Faz parte também desta modalidade o bullying.

Após observar o comportamento das crianças quando estão na escola, entre pessoas consideradas íntimas notou-se que entre elas são muito comum os deboches, apelidos, implicâncias, discriminações, agressões físicas e verbais e a forma como elas têm crescido neste ambiente levou professores pesquisadores e médicos a encarar esse tipo de comportamento de maneira diferente, os problemas são velhos conhecidos, no entanto a forma de vê-los faz toda a diferença (SANTOMAURO, 2010).

Há aproximadamente 15 anos esse tipo de comportamento recebeu o nome de bullying palavra de origem inglesa que traduzida significa intimidar ou amedrontar.

Sua principal característica é que a agressão (física, moral ou material) é sempre intencional e repetida várias vezes sem que haja uma motivação específica, transformando ávida da vítima em verdadeira perseguição.

Atualmente esse fenômeno ganhou mais um aliado, a internet.

Com o avanço da tecnologia o problema ganhou novas dimensões e tornou-se ainda mais cruel, pois o que antes ficava restrito apenas dentro da escola, agora consegue atormentar suas vítimas o tempo todo.

É o chamado cyberbullying nele os agressores utilizam-se do espaço virtual por meio da ferramenta da internet e de troca de mensagens via celular isto possibilita a exposição da vítima, aumentando a humilhação, tudo isso sem ser identificado o que faz com que a vítima sintam-se ainda mais impotente.

Aramis Lopes especialista em bullying e cyberbullying é presidente do departamento científico de segurança da criança e do adolescente da sociedade brasileira de pediatria, afirma que nesta (momento) digo agressão há três personagens fundamentais: o agressor, a vítima e a plateia.

De acordo com Cléo Fante especialista em violência escolar os efeitos são semelhantes tanto para quem ataca quanto para quem é atacado, são eles: déficit de atenção falta de concentração e desmotivação para os estudos.

Conheça as características de cada um deles:

Vítima: costuma ser tímida ou pouco sociável e foge do que consideram padrão do restante da turma às vezes pela aparência física (raça, altura, peso) pelo comportamento melhor ou pior desempenho na escola e pela religião (SANTOMAURO, 2010).

Costuma serem pessoas inseguras e quando são agredidas, ficam retraídas e sofrem, tornando-se alvos fáceis dos seus agressores.

Agressor geralmente atinge o colega com repetidas humilhações ou depreciações porque acredita que desta forma será o mais popular e poderoso perante os colegas, sente necessidade de obter uma boa imagem de si mesmo.

Expectador este personagem nem sempre é reconhecido como atuante em uma agressão, porém, ele é fundamental para a continuidade da agressão diz (SANTOMAURO, 2010).

O caso mais marcante ocorreu em 7 de abril de 2011, quando um ex-aluno da escola municipal Tasso da Silveira, localizada no bairro de Realengo, Zona Oeste do Rio de Janeiro, matou a tiros doze alunos com idade entre 12 e 14 anos, este disse ter sido vítima de bullying.

Neste caso a vítima tornou-se ou transformou-se em agressor.

Ainda na modalidade violência contra a pessoa, está à coerção mediante o uso de armas, sejam elas de fogo ou as chamadas armas brancas, estas muitas vezes passam despercebida pela direção.

Nas escolas de ensino fundamental I é muito comum entre os educandos à utilização de uma espécie de arma fabricada artesanalmente por eles, utilizando lâmina de apontador e caneta, este objeto costuma ser usado por eles como um pretexto de ser apontador, porém, pode ser usado como estilete, onde os alunos mais violentos costumam intimidar os colegas utilizando tal objeto, também fazem parte desta lista pedaços de espelhos, tesouros e por fim um objeto conhecido por eles como soqueira e estilete (ABRAMOVAY, 2003).

Nas escolas de ensino médio está se transformando em algo natural entre alunos o uso de armas e fogo.

As explicações para o seu uso são diversas que vai desde a sua autodefesa até para fazer a segurança dos amigos.

Para a autora tudo isso é uma forma de coagir as vítimas a fazerem aquilo que o agressor deseja.

O uso de armas de fogo sem autorização para a sua parte é crime, porém, muitos ignoram e acaba por infringir a lei.

Para Abramovay (2003) outra forma de violência escolar é a violência contra a propriedade.

Os roubos e os furtos são as principais características.

De acordo com a pesquisa, o problema acontece com frequência nas escolas das treze capitais brasileira e o local onde mais acontece é a sala de aula, nesta são furtados todo o tipo de objeto desde canetas até celulares, dinheiros e bolsas.

Ainda segundo dados do estudo, o principal alvo dos furtos são os membros do corpo técnico-pedagógico das escolas, as maiorias dos informantes declararam já ter sido roubado, entre os alunos este problema também é frequente.

Um dos fatores que contribui para a continuidade do problema é a certeza da impunidade, os autores sabem que não serão punidos e quando isto ocorre quase sempre são apenas advertências verbais.

Os informantes consideram que estes atos são cometidos por pessoas que fazem parte do espaço escolar e que os diretores, coordenadores e alunos a minimizarem a gravidade do problema, desconsiderando o ato em si.

Os assaltos também fazem parte desta modalidade, estes, porém quase sempre acontecem nas mediações da escola, tornando este espaço inseguro.

Além dos furtos de objetos escolares, também tem se tornando comum durante os fins de semana os furtos e roubos de computadores, TV, aparelhos de DVD, microsystem, botijões e outros objetos fácies de serem vendidos.

Por conhecer o ambiente, geralmente alunos ou ex- alunos participam dos furtos, os problemas se agravam durante as férias quando as escolas ficam vazias.

A principal característica contra o patrimônio é a destruição dos equipamentos e do espaço escolar, havendo ou não furtos de bens, geralmente estes atos são praticados como reação contra a escola, as administrações escolares, autoritárias indiferentes e omissas.

Segundo a pesquisadora Nancy Day é preciso estudar o que ato praticado contra a escola quer dizer.

Também faz parte desta modalidade às depredações de janelas, muros, e paredes e destruição de equipamentos e as pichações.

As pichações ocorrem como forma de protesto, esse tipo de atitude ocorre nas escolas públicas e privadas, geralmente os autores costumam escrever frases e palavras nas paredes de muros e banheiros, suas frases variam, vão desde os protestos a palavras pornográficas.

Outra forma de violência contra o patrimônio é a destruição de cadeiras, vidros quebrados, portas arrombadas.

Que se tem visto há alguns anos é a destruição do patrimônio público um verdadeiro desperdício do dinheiro da população.

Existem ainda escolas onde a explosão de bombas em banheiros é algo constante além da destruição, tem os riscos nos carros de pais e professores.

Esta é uma forma de revolta e indignação, além disso, esses atos caracterizam-se como vandalismo e violência contra o patrimônio o quanto, isso mostra o quanto pessoas que fazem parte da comunidade em especial alunos, estão insatisfeitos com o ambiente ao qual fazem ou faziam parte segundo (SCHILLING, 2004).

A provável explicação para estes atos é o sentimento de exclusão do processo educacional que estes indivíduos nutrem em relação à escola.

A escola não é vista como patrimônio público, para que haja mudança é necessário a implementação de estratégias.

De acordo com a (UNESCO, p. 324):

As recomendações para as estratégias partem do pressuposto de que o combate as violências nas escolas devem aparecer como parte de uma agenda pública de sedimentação da democracia e não como um problema de jovens ou da escola, o que pede um investimento continuado por parte de muitas agências.

Ou seja, investimentos em todos os aspectos, financeiros, assistências e orientações aos integrantes desta comunidade, fazem-se necessário também mais estudos sobre o tema, para que a partir dos dados obtidos tenham-se uma instrumentalização em ações educativas no intuito de minimizar os efeitos da violência na escola.

Atualmente seja na TV, jornais, revistas enfim na sociedade de modo geral muito se tem falando sobre o papel da família para e na formação do individuo e o que ela tem deixado de fazer.

Ao falar, muitas vezes não é levado em consideração às mudanças ocorridas na sociedade e que a família por fazer parte desse contexto e fortemente influenciada por elas.

Quando se fala em violência escolar faz-se necessário lembrar a importância que a família exerce sobre o comportamento, as atitudes e ações dos educandos.

E como já foi dito nas últimas décadas a família tem passado por mudanças estruturais, tudo isto tem repercutido diretamente na vida emocional e principalmente no aprendizado das crianças.

Para entender melhor estas transformações, é relevante fazer uma breve reflexão sobre os fatores que tem influenciado de forma direta e quais os reais reflexos destas mudanças no cotidiano.

Sendo a família a mais antiga instituição social, e a primeira que o indivíduo faz parte desde o seu nascimento, é no seu seio que é transmitida o conjunto de regras culturais, padrões de conduta que orientam cada pessoa em cada sociedade.

Cada indivíduo independente da cultura que pertence, necessita estabelecer laços afetivos com os demais participantes e partir daí se dará o seu desenvolvimento físico, cognitivo e social.

É por meio desta relação sociocultural que sua personalidade é formada.
(RAMOS e RAMOS, 2010)

De acordo com a teoria sociointeracionista da qual Vygotsky é o principal representante, nesta concepção sociocultural de desenvolvimento, a criança não deveria ser considerada isolada de seu contexto sociocultural, em uma espécie de Robson Crusóe criança. Pois os seus vínculos com os outros fazem parte de sua própria natureza.

Deste modo afirma (IVIC, 2010) nem o desenvolvimento da criança, nem o diagnóstico de suas aptidões, nem sua educação podem ser analisadas se seus vínculos sociais forem ignorados.

Percebe-se por meio desta afirmação o quanto a família contribui para o desenvolvimento integral do, indivíduo e que o meio social a qual este pertence exercerá forte influência em sua vida, educação e em outras áreas de sua vida.

Por falarmos em mudanças, estas começaram a acontecer na estrutura familiar na década de 1970 em que coincidiu com o movimento feminista e sua entrada no mercado de trabalho, competindo diretamente com o homem por uma vaga de trabalho.

A mulher que antes tinha como função principal a educação dos filhos, agora entra no competitivo mercado de trabalho, tendo que exercer jornada dupla ou tripla como trabalhadora assalariada, dona de casa e mãe.

Neste sentido percebe-se que sua atenção agora não é mais a educação dos filhos, em muitos casos esta função é delegada a terceiros.

É necessário analisar a estrutura da família conhecendo um pouco sobre elas, quais os principais objetivos da união familiar em cada época com os filhos eram vistos, como a família via a educação doméstica e a institucional?

Observa-se o quanto esta instituição é importante para o indivíduo de modo geral, principalmente para um ser em formação de caráter.

Na idade média os valores e conduta estavam baseados em apenas três principais objetivos:

Segundo Áries (1981) a conservação dos bens, a prática comum de um ofício, a proteção da vida e a honra.

Para o autor o estreitamento dos laços familiares praticamente não existia, pois nesta época a família ora vivia em casas pequenas demais vivendo em espaço abarrotado, onde não existia respeito a privacidade, individualidade tudo era considerado bem comum, ora as famílias vivia em grandes espaços, caracterizado como extensa, ora o abarrotamento ou a extensão, de acordo com Áries (1981) isto favorecia o não estreitamento de laços familiares.

Percebe-se que no modelo extenso de família a criança aprendia de tudo e com todos seus comportamentos na primeira infância era visto pelos pais como algo curioso, elas participavam de reuniões, conversas eventos sociais que eram

destinados a adultos, simplesmente por serem considerados como adulto em miniatura, seus sentimentos não eram vistos como algo comum para a sua idade.

Já na transição da idade Média para a Era Moderna, ocorridos entre o fim do século XVII, é possível perceber uma nova organização sociocultural que está emergindo.

Neste período a criança conquista um lugar junto de seus pais, tudo que as crianças da época passavam desejavam, também é importante ressaltar que a família ao modificar-se, seu olhar para o comportamento e para os sentimentos infantis mudaram.

Agora a criança passou a ser o centro das atenções familiares, onde os pais passaram a relacionar-se cada vez mais sentimentalmente com seus filhos, e o principal alvo da união homem e mulher já há via tomado uma nova dimensão.

Nota-se nesse século que já florescem as afetividades, a intimidade física e moral que não era vista na era Medieval. (RAMOS, RAMOS, 2010)

O principal fator que impulsionou essas mudanças foi a Revolução Industrial, pois com esse evento ocorreu à organização populacional e a fixação em núcleo urbano.

Ideias de alguns pensadores e alguns estudos também favoreceram essas transformações.

Analisando hoje a família, ou seja, estrutura familiar na sociedade pós-moderna e importante ressaltar que nela as crianças separam-se dos seus genitores cada vez mais cedo, esta acontece por diversos fatores, mas o principal de todos os trabalhos.

Quando os pais trabalham para as crianças vão para a escola cada vez mais cedo iniciando o seu contato social de forma mais precoce, sem o ao menos completar a educação familiar. (TIBA, 2002)

Para o autor a criança já está na família escolar, e esse egresso cada vez mais precoce tem trazidos alguns reflexos, pois o ambiente social invade a família não só pela escola, mas também pela televisão, internet, e etc.

O esperado, segundo os psicólogos é que a criança passe por cada etapa da socialização, pois ela é fundamental para a construção da sua identidade

Ramos (2010) define a socialização como um processo interativo necessário para o desenvolvimento sociopsicológico através do qual a criança satisfaz suas necessidades e assimilar a cultura [...]

Mas na sociedade pós-moderna, os pais passam cada vez menos tempo com seus filhos tornando-se totalmente ausente na educação dos mesmos, exercendo cada vez menos a função delegada a eles.

Desta forma a criança pula a etapa da socialização familiar e passa para a socialização escolar.

Como ela é um ser social, e segundo Vygotsky (1982-1984, v.IV, 281) é por meio do adulto que a criança se envolve em suas atividades [...]

Sendo necessária para ela a presença de um referencial, e este referencial é a família, esta vem adquirindo ou assumindo modelo diversificado e que vem afetando diretamente as suas funcionalidades.

Hoje, porém, não é isto que se tem visto, a realidade das escolas é totalmente diferente daquilo que se espera.

A criança neste processo infelizmente ora a vítima, ora torna-se algoz.

E a pergunta que vem sendo feita é, de que forma a família tem contribuído para tentar amenizar este fenômeno, (que não é recente), porém, somente nas últimas décadas é que as agressões físicas, verbais, depredações, pichações e outros atos tem assumido forma de violência escolar.

A família que tem transformado a sua estrutura e que ainda está confusa quanto a sua função, como poderá ajudar seus membros.

Os fatos que eram considerados como corriqueiros nas séries do fundamental II ou ensino médio, hoje se tornou rotineiro entre as crianças da educação infantil ou fundamental I, ou seja, a violência escolar atingiu a todos os níveis; sejam adultos, jovens, adolescentes e até mesmo as crianças.

Cenas de agressões entre crianças têm sido típica e para alcançar dimensões maiores eles gravam ou filmam e lançam na internet, brigas entre grupos rivais é até mesmo homicídios.

Não é difícil assistirmos ou ouvirmos em noticiários rádio e TV cenas de agressões.

Entre os casos mais chocantes o do garoto de 9 anos estudante de uma escola particular da grande São Paulo. Que foi assassinado pelo próprio colega de classe com a mesma idade do garoto Gabriel, a família do garoto assassinado não recebeu da escola explicações convincentes sobre o caso, o que se sabe é que a arma de fato que o garoto utilizou para atirar era do seu pai.

Casos como este têm acontecido em todo o mundo, e só vem aumentando as estatísticas que nem mesmo a escola é lugar seguro.

Perguntas são feitas mais não se obtém respostas.

- De quem é a culpa?
- Porque esse crescimento tão significativo da violência escolar?
- Qual é a importância da família no combate a esse tipo de violência?
- O que ela tem feito para tentar amenizar este problema?

Segundo alguns psicólogos, uns dos fatores principais é a ausência da família, a falta de limites imposta por ela, a inversão dos valores morais e a influência direta da mídia ou meio de comunicações de massa na vida destas crianças que inicia cada vez mais precoce a socialização comunitária. (TIBA, 2002)

Outro fator relevante neste processo é a forma com que algumas familiares têm educando seus filhos.

Observa-se que nas famílias que os pais possuem graus de escolaridade muito baixos ou nenhum, as famílias são numerosas. E em muitos casos as crianças são vítimas de abuso sexual, maus tratos e de agressão física e verbal, violência doméstica.

Como o indivíduo sofre a influência do ambiente sociocultural, a qual esta inserida, a este passa a refletir tudo a qual tem sofrido.

Manifestando de forma agressiva, ou seja, respondendo os estímulos negativos de forma negativa os tais conhecido estímulo resposta.

Colegas, professores e funcionários recebem esta descarga de sentimentos e atitudes destas crianças vítimas, para elas tudo o que fazem é normal, pois faz parte do seu cotidiano elas vivenciam a violência esta com frequência.

A família está mudando a sua estrutura, mais a sua importância continua a mesma. A de transmitir padrões de conduta e valores morais aos seus integrantes.

E por mais que ela tente transferir a sua função para a escola ou para terceiros isto jamais funcionará.

Pois para a escola os alunos, são apenas transeuntes que passam por ela seja apenas um ano ou mais, mas um dia eles irão embora e se tornarão apenas ex-alunos, porém, família jamais será ex-família ou ex-filho.

No seu processo de formação de caráter a criança aprende com os indivíduos que o cercam, passando então a reproduzi suas ações.

O que se espera da instituição familiar é que ela exerça sua função, educando, transmitindo-lhes a importância do saber, conviver em grupo, do respeito ao próximo, a Deus, ou seja, o que a sociedade está presenciando é a queda dos valores fundamentais, e isto precisa ser resgatado o verdadeiro sentimento de família.

Ao falarmos sobre o seu papel dela na e para educação das crianças é importante, lembrar o que diz Cury (2003) sobre esse assunto.

Para ele educar e penetrar um no mundo do outro; é deixar-se conhecer pelo outro, (filho).

Contudo em uma sociedade em que a mídia (TV, computador, tablete, e outros) ocupa o personagem principal, resta para os pais cuidadores o papel secundário quase esquecido.

Eles por sua vez estão cada vez mais ocupados com o trabalho às dezenas de ocupações que surgem com isso à relação pai e filho tem se desgastado cada vez mais criando assim um abismo na relação familiar.

Como diz Vygotsky por ser um social necessita deste contato.

Cury afirma que é fundamental para formação da personalidade dos filhos, que os pais se deixem conhecerem, pois segundo ele está é a única maneira ou a mais eficaz para a formação da personalidade dos deles.

Ainda segundo o autor esta é a única maneira de educar a emoção e criar vínculos sólidos e profundos.

Pois na espécie humana existe uma dependência muito intensa dos filhos com relação aos pais e por isto as experiências aprendidas são mais importantes do que as instintivas, este processo ocorre da seguinte forma e os fenômenos envolvidos são os estímulos externos (visuais, auditivos, táteis) e internos (pensamentos e reações emocionem).

Ou seja, é necessário que este contato seja aprofundado.

Quando muitos comparam as famílias como uma grande árvore e necessário lembrar e perguntar-se como está qualidade da raiz destas árvores?

Porque se achado de forma minuciosa pode-se perceber que muitas raízes estão em processo de decomposição e se estão assim como poderão então sustentar os, galhos que são os filhos, a família precisa resgatar urgente e ensinar aos filhos os valores éticos, morais, espirituais, sociais e culturais.

Para Vasconcellos (2013) com relação à família isto se traduz em casos básicos como cumprir seu papel de maternagem, de paternagem, de cuidado, de amar, de ajudar os filhos a desenvolver um sentido de vida.

Vasconcelos (2013) afirma que cabe a família estabelecer uma rotina em casa e acompanhar os seus filhos nas tarefas, estudos conhecer seus filhos o que estão fazendo ou aprendendo, com quem estão, onde estão e porque estão?

Se uma família, de fato tem alguns princípios, tem um quadro de valores básicos, e se leva isto a sério pode estabelecer limites. Contudo é importante segundo o autor enfatizar que os limites devem ser lembrados pelos adultos e estar respaldados pelos vínculos dos pais com os filhos para que possam surtiu efeito.

E enquanto isto não acontece, a situação da violência escolar continua se perpetuando e fazendo vítimas.

De acordo com alguns estudiosos as causas mais conhecidas da violência escolar são: ausência da família, perda dos laços afetivos, inversão de valores, mudanças na estrutura familiar, declínio da autoridade marital ou paternal, falta de limites familiares e escasso tempo dedicado aos filhos (MORRISH, 1975).

O conjunto desses fatores tem provocado uma desorganização na estrutura familiar com conseqüente perda de vínculos entre seus componentes, forçando a criança a criar meios para chamar a atenção dos que estão a sua volta, e agir agressivamente com o seu próximo.

O reflexo desses problemas na vida dos educandos é gradativo e tem maior ou menor, de acordo com a estrutura pessoal.

As vítimas de violência geralmente apresentam arranhões, ferimentos, humilhações, baixo autoestima, medo, insegurança, perda de interesse pelo estudo, evasão escolar, falta de concentração nas atividades isto em turmas de series iniciais isto em alguns casos homicídios e suicídio em turmas de series mais elevadas.

Conhecer as causas da violência é importante, pois só assim será possível a escola desenvolver estratégias para conter esse problema de ordem social.

É necessária a criação de projetos que envolvam as comunidades e que realmente dê resultado, ajudando as vítimas, buscando parcerias com instituições sérias no sentido de receber orientação especializada com psicólogos e psicopedagogos, apoio dos conselhos tutelares e municipal de educação com o objetivo de acompanhar o agressor e sua família.

Instrumentalizar o professor com cursos que visem trabalhar tanto com o agressor no sentido de socializá-los e despertando nele o sentimento de cidadania mostrando que quanto cidadão ele necessita assumir seus atos. E apoiar as vítimas ajudando-lhes a recuperar a autoestima.

A família que é fio condutor da paz, precisa estar engajada em projeto de sensibilização retomando o seu papel.

Entender e acompanhar as mudanças que vêm ocorrendo em todos os setores das áreas da sociedade e um fato inegável.

Essas transformações têm exigido de todas as pessoas envolvidas no processo educacional uma nova postura, olhar crítico, abertura para o diálogo, resolver conflitos, são características essenciais para os gestores educacionais.

O crescimento de alunos matriculados trouxe consigo um problema que antes parecia distante, a violência no âmbito educacional.

Não são poucos os casos relatados nos noticiários de TV, rádio, e nas páginas de jornais sobre violência contra alunos, professores, e gestores escolares. Observa-se neste contexto que o cotidiano escolar tem sido palco de manifestações agressivas variando desde depredações até as agressões verbais e físicas, sendo um problema que se instalou no interior das escolas e é impossível ignorá-lo.

Preocupado com os rumos tomados ou pelas proporções do problema, professores, gestores, e pesquisadores envolvidos no observatório de violência nas escolas-brasileiro de violência escolar, a qual Abramovay é coordenadora organizaram com o apoio da UNESCO uma pesquisa em treze capitais brasileiras, mais o Distrito Federal, na qual buscaram mapear o fenômeno e o seu crescimento.

Para isto é imprescindível entender que o processo educativo é dinâmico e mutável. Cada escola tem uma realidade que possui características diversas e um potencial a ser aproveitado em favor de sua própria ação educativa. Assim, cabe-nos repensar o papel dos gestores frente ao problema que é a violência escolar.

Diante da exigência da implantação de gestões democráticas em todos os setores da sociedade, o escolar por estar inserida na sociedade, não poderia ficar de fora.

Porém o que ainda se tem assistido lamentavelmente em alguns municípios brasileiros e a atuação ruim de alguns gestores escolares, pessoas estas que são os sujeitos envolvidos diretamente na ação educativa. Fracassando em suas ações quando necessitam lidar com a questão da violência, denotando despreparo e falta de conhecimento acerca do assunto.

Os estudos relacionados ao tema têm acontecido, porém ainda é pouco em relação à demanda.

Pois a violência possui raízes bem mais profundas, além daquelas que são visíveis. Por isto é possível afirmar que é preciso que gestores e profissionais da área educacional tomem consciência da importância de se estudar o tema, suas implicações características, conceitos e expressões, livres de preconceito e alarmismos.

É importante, pois assim os profissionais da área educacional, desenvolverão estratégias e formas de lidar com ela.

O que se tem observado é que apesar de saber que a violência esta diretamente ligada à gestão escolar, pouco se tem discutido sobre esse assunto. Dai a iniciativa de abordá-la, principalmente porque os gestores educacionais são atores de fundamental importância dentro do cenário escolar, pois a ele cabe tornar possível a execução da complexa tarefa de gerir a instituição de ensino buscando parcerias com todos os envolvidos, almejando aquilo que passa a ser a sua principal meta a educação de qualidade dentro de um contexto democrático e pacífico.

Ao falar de gestão democrática podemos citar suas principais característica e exigências próprias, para que ela se torne possível é necessário observar comprometimento e a participação das pessoas, desenvolvendo atividades e exercendo funções que promovam a presença e o fortalecimento da atuação das pessoas no interior das escolas (ABRAMOVAY, 2003).

Articulando tudo isto com o exercício de poder, incluindo principalmente os processos de planejamento. A tomada de decisões e a avaliação dos resultados alcançados. Ou seja, o gestor educacional, na gestão democrática precisa assumir papéis sabendo utilizar autoridade sem autoritarismo.

Pois assim como já foi dito cada escola apresenta uma realidade uma característica peculiar. Cabendo ao gestor administrar os conflitos existentes no interior da instituição.

Nos sistemas de ensino e nas escolas a gestão democrática necessita envolver todos os seguimentos interessados. Inúmeras vezes na relação aluno versus aluno, ou, aluno versus professor, tende a ser conflituosa.

O conflito esta presente em quase todos os tipos de interação humana e assume varias formas e dimensões: de ideias, gestos, aspirações, gerações e

percepções. Isto quer dizer que nem sempre nossas vontades, sensibilidade, cultura e percepções estão convergindo para o mesmo ponto (ABRAMOVAY, 2003).

Por isso é importante conversar, ouvir com paciência e atenção o que o outro tem a dizer e expor claramente as suas ideias, negociar. Ao contrario do que muitos acreditam o conflito faz com que venhamos a desenvolver, progredir e aprender a conviver com o diferente.

A ausência de conflitos escolar não revela por se só um ambiente sadio. Pois, o respeito às diferenças e o estímulo ao pensamento divergente desenvolvem a criatividade e podem fazer do conflito escolar, nesta relação não pode acontecer antagonismo, ou seja, cada um quer impor a todo custo pela força e pela violência implícita ou explícita, suas ambições interesses e desmandos.

Tanto pessoas, grupos ou associações antagônicas, se colocam em posição inconciliável, recusando muitas vezes, o dialogo que poderia conduzir a resolução do problema.

A escola por ser um lugar de formas diversas de expressão, o conflito faz parte do deu dia a dia e deve ser objeto de negociação constante sem que prevaleça o desejo de que as pessoas se comportem de um modo submisso ou passivo.

O gestor escolar por ser um importante personagem nesse cenário, terá duas tarefas fundamentais: reconhecer os conflitos e ajudar todos, dentro da escola a encará-lo positivamente, pois a ele cabe o lugar de gerenciar e administrar conflitos.

Para isto o primeiro passo será a identificação do conflito e suas origens e fontes:

Conflito de interpretação: decorre da forma pela qual cada pessoa estrutura opiniões sobre fatos, fenômenos e conceitos;

Conflito de projetos: cada um tem seus projetos pessoais e muitas vezes eles estão em desacordo com as possibilidades e /ou disponibilidades do ambiente escolar;

Conflito de poderes: pessoas ocupam cargos ou exerce funções específicas na instituição em que trabalha e isso lhes confere poderes que em certas situações não desejam partilhar.

A partir daí podemos classificar os conflitos em três níveis (ABRAMOVAY, 2003):

Pessoais: pessoas pensam e agem de acordo com suas próprias interpretações projetos e poderes muitas vezes conflitantes entre si;

Interpessoais: pessoas assumem, no mesmo grupo diferentes interpretações projetos e poderes.

Institucionais: a escola, por ser um espaço onde a convivência se caracteriza pela diversidade apresenta orientações variadas, às vezes, contraditórias, para diferentes processos e ações;

Identificando o conflito e o tipo, o gestor devera envolver estratégias que tem como base a comunicação; este será o ponto de partida para que tudo se entenda, para isto será importante deixar claras as intenções e os critérios de análise que serão adotados na escola. Discuti as soluções possíveis e procurar negociações, assumir responsabilidades e deixar que os outros também assumam ouvir o outro e fazer com que os outros nos escute.

Avaliar valorizando os aspectos positivos dos outros e pedir que façam o mesmo conosco. Desta forma a escola se tornara espaço de manifestações e expressões de diferentes grupos permitindo a circulação de ideias, criando uma atmosfera baseada no debate e na orientação a respeito das funções de professores e gestores, favorecendo a livre expressão.

Desta forma, ele articulara ações que busquem viabilizar a solução dos conflitos, e construindo assim um ambiente acolhedor de diversidade de opiniões.

Outro problema que os gestores deverão solucionar é a violência contra o patrimônio, esta inclui as depredações das instalações escolares e a destruição dos moveis e outros objetos pertencentes a instituição, outros atos de vandalismo também estão associados a revolta de alguns ex-alunos que sentiram-se excluídos do processo educacional.

Abramovay (2003) afirma que o vandalismo costuma estar associado a administração escolar autoritária, indiferente ou omissa. Neste caso o principal alvo desses atos são os gestores educacionais ou equipe gestora.

Pois, é o gestor quem responde não só pelo bom funcionamento institucional, mas ainda é o responsável pelo cumprimento da função educativa. E o que fazer diante de situações em que o alvo é o articulador de ações que envolvem a comunidade.

Para isso é necessário investigar o que está por detrás destes atos, qual a mensagem que querem transmitir?

É preciso implantar os princípios da gestão democrática de ensino criando o ambiente propício a convivência, ao diálogo entre as pessoas que pensam diferentes e querem coisas distintas.

Ou seja, reconhecimento da adversidade social e a superação da desigualdade. Cabe ao gestor buscar melhorar a imagem da escola e a sua própria imagem junto à comunidade, buscando diálogo e a mobilização das pessoas e a criação de projetos pedagógicos, com base na participação e nos princípios de convivência democrática (ABRAMOVAY, 2003).

Estes projetos deverão procurar envolver e atrair todos os envolvidos no processo educacional, buscando informar (caso não tenha percebido) que a escola é uma das instituições sociais capaz de contribuir para a formação de cidadãos e que para que passem ser considerados como tais que precisam estar conscientes dos seus direitos e deveres.

Desta forma, todos os cidadãos independentemente da sua situação social, econômica, e cultural poderá intervir e participar ativamente da construção de políticas públicas na gestão das escolas, outra característica do bom gestor é promover o envolvimento da comunidade extraescolar no processo de gestão escolar e nas atividades desenvolvidas pela escola.

Uma boa maneira para isto é buscar parcerias com empresas e secretarias isto porque existem ações que são praticamente impossíveis de serem realizadas sem o apoio de parceiros.

Como o assunto em pauta é ação da gestão escolar no combate a violência, é muito importante descobrir qual a imagem que a comunidade tem da escola, como eles vêem o corpo docente, técnico pedagógico. O que precisa melhorar no ambiente escolar para que esta melhore e alcance padrões de qualidades.

E a partir desta análise tentar melhorar esta imagem investindo em ações que atraiam toda a comunidade. Uma boa opção é a mobilização social que deve ser concreta para ajudar os gestores, professores e funcionários a realizarem melhor seus trabalhos e proporcionarem uma educação melhor aos alunos.

Para isso a escola deveria estar aberta para comunidade fazendo com que estas parcerias envolvam responsabilidade, compromisso e confiança.

É necessário às escolas buscarem parcerias que possam colaborar na expansão de seu potencial de ofertas para os seus alunos.

Na própria comunidade por meio de projetos integrados entre secretarias de cultura e esporte e outras instituições públicas, desta maneira os jovens poderão desenvolver seus potenciais artísticos no campo da música, esporte e outros.

Desta maneira pode-se concluir que problemas haverá, porém, o gestor escolar assumindo o seu papel boa parte dos problemas serão solucionados.

1. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam, Marta; OLIVEIRA, Helena. **O bê á ba da intolerância e da discriminação**. Disponível em: WWW:Unicef.org/brasil/pt/cap-02pdf.2002. Acesso em: 14 de agosto 2013.

ARIÉS, P. H. **Historia social da criança e da família**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BARON, R.A. **Humam aggression**. Nova York: plenum press, 1977.

COLOMBIER, Clarie. **A violência na Escola**. [tradução de Roseana kliger man Murray] São Paulo. Summus, 1989.

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, p.21-32, 2003.

DOURADO, Luís Fernandes. **Progestão**: como promover, articular e envolver ação das pessoas no processo de gestão escolar? Módulo II. Brasília: CONSED-conselho Nacional de Secretaria de Educação, 2001.

DIAS M.L. **Vivendo em família**: relações de afeto e conflito. 9ª Ed. São Paulo: Moderna, 1997.

FERREIRA, A.L; SCHRAMM, F.R. Implicações éticas da violência doméstica contra a criança para profissionais de saúde. **Revista de saúde pública** São Paulo v.34, n.6, p, 659-665, 2000.

IVIC, Ivan. **Lev Semiovich Vygotsky**. Edgar Pereira Coelho (org.). Recife: Massangana, 2010.

SPOSITO, M.P.; GONÇALVES, L.A. Iniciativas públicas de redução da violência escolar no Brasil. **Cadernos De Pesquisa**, 115,101-138, 2002.

GUIMARÃES, A.M. Indisciplina e violência: Ambiguidade dos conflitos na escola. In: ITANI A. A violência no imaginário dos agentes educativos. **Caderno Cedes**, São Paulo, v.47, n.19.p 36-50,1996.

LEVISKY, D.L. **Adolescência e violência**: aspecto do processo de identificação dos adolescentes na sociedade contemporânea e suas relações com a violência. Porto Alegre: Artes Medicas, 1997.

MORRISH, L. **Sociologia da educação**: uma introdução. 2ª.Ed. Rio de Janeiro: Zahar INL,1975.

PEREIRA, Ana Carina Stelko; WILLIAN, Lúcia Cavalcante Albuquerque. **Reflexões sobre o conceito escolar e a busca por uma definição abrangente**. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v18n1/v18n1a05.pdf>>. Acesso em 12 de setembro de 2013.

RAMOS, A.J; RAMOS E.S. Os desafios da família nos processos de socialização escolar. **Revista Patio Pedagógico**. Porto Alegre: Artmed. nº52, p.32-35, novembro 2009/ janeiro 2010.

SANTOMAURO, Beatriz.Violência Virtual. **Revista Nova Escola**. Abril nº 233, p.71, junho/julho, 2010.

SPOSITO, M.P. A instituição escolar e a violência. **Cadernos de Pesquisas**. São Paulo, v.104, p.58-75, 1998.

SHILLING, Flavia. **A sociedade da insegurança e a violência na escola**. São Paulo: Moderna, 2004.

TIBA, ICAMI. Quem ama educa. São Paulo, **GENTE**. p.179-185, 2002.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Disciplina e indisciplina na escola.
Revista Presença Pedagógica. Dimensão nº112.v.19, p.12. Julho /Agosto,
2013.